

Olga Prats: 55 anos de carreira

A história da menina que se apaixonou pelo piano

Intérprete e pedagoga, Olga Prats desde cedo que mostrou grande apetência para o piano. Ao longo da sua vida pessoal e profissional, a música constituiu sempre o factor determinante para ultrapassar as dificuldades que lhe iam surgindo. Hoje prepara-se para festejar os 55 anos de carreira e, ao olhar para o seu fabuloso percurso, percebe que não poderia, de forma alguma, ter sido outra coisa. Ela nasceu para a música.

Textos de Paulo Silveiro

MARIA OLGA Douwens Prats nasceu em Lisboa em 1938. Os pais eram alentejanos, embora de raízes díspares: a família paterna de origem catalã (Prats) e a materna de origem alemã (Dowens). O bisavô materno veio da Alemanha, convidado pelo rei D. Luís (1838-1889), para formar as bandas civis em Portugal. Estabeleceu-se em Évora, onde casou com uma portuguesa, filha de um amigo. Mais tarde foi professor do Conservatório de Lisboa onde chegou a dar aulas às netas.

O avô de Olga Prats, Francisco Eduardo Douwens, continuou a tradição musical da família, tendo posto as duas filhas no Conservatório, onde a mãe da pianista estudou violino e piano, e a tia canto.

A família paterna não tinha nenhuma ligação à música. Conta-se que a sua origem vem do revolucionário Prim Prats, que fugiu de Espanha no tempo da Isabel A Católica (1451-1504), refugiando-se em Vila Viçosa, onde para não correr mais riscos abdicou do nome Prim.

Olga Prats é, pois, filha de dois alentejanos – Fernanda e Artur – que se conheceram e casaram em Lisboa. A pianista, embora lisboeta assumida, considera que mantém os vícios dos alentejanos, sentindo uma grande adoração pela cozinha regional. O pai era o secretário e o administrador da Condessa de Cadaval, a mãe dava aulas





Aos 5 anos em S. Martinho do Porto

de piano em casa. Acabaram por ter dois filhos, um rapaz, Luís Fernando, e oito anos depois a rapariga, Olga.

O nome próprio da pianista está ligado à Casa de Cadaval: quando o pai lá começou a trabalhar, o Marquês de Cadaval trouxe para Portugal a sua mulher italiana, Olga, com as suas duas filhas, a mais velha das quais se chamava também Olga. Quando a mãe da pianista engravidou, a filha do Marquês pediu para ser a madrinha, e assim nasceu mais uma Olga.

Viviam nessa época já em Lisboa, na casa onde actualmente se ergue o Teatro A Comuna, na Praça de Espanha. Em 1942 mudaram-se para a Rua Artilharia 1, onde Olga Prats adormecia e acordava frente a um piano que tinha pertencido ao seu avó. Os seus primeiros estudos foram feitos em casa. Aprendeu a ler com a avó Marina, e habituou-se a brincar com as bonecas, ao som das aulas de piano da mãe.

Aos cinco anos aproximou-se do instrumento e pediu à mãe para a ensinar a tocar. Foi o início da sua relação ininterrupta com o piano. A aprendizagem realizou-se rapidamente e, aos seis anos, já tinha aulas com o mestre



Em Santiago de Compostela (terceira mulher a contar da dta) durante um curso de música espanhola

João Maria Abreu e Motta, que tinha sido professor da sua mãe. A sua relação com ele foi, de início, complicada. Ainda hoje recorda a frase que na altura lhe ouviu dizer à mãe: «A senhora quer fazer da sua filha o que não quis fazer de si».

Apesar da relutância do professor em lhe dar aulas, a insistência da mãe levou Olga Prats a realizar um teste. Preparou um pequeno estudo de Zerny, e depois de o ter tocado, o professor aceitou-a como pupila. A sua obsessão pelo piano era total. Aos sete anos já dedicava três horas diárias a preparar as aulas. Ainda guarda consigo a agenda onde o pai registava as aulas que lhe eram leccionadas, e respectivas notas, todas elevadas. Também lá está escrita a data o local do seu primeiro recital, 5 de Maio de 1952, Teatro São Luiz.

Aos seis anos entrou também para o Colégio Feminino Francês, onde frequentou aulas de Canto Coral, com Francine Benoit, a famosa professora da Maria João Pires. Mas depressa desistiu do canto, por ser muito desafinada. Acabou por sair do colégio, passando a ter aulas em casa. Só ia ao liceu Maria Amália fazer os exames, mas acabou o 5º ano antes dos treze anos de idade.

Ao mesmo tempo que ia prosseguindo os estudos, como era gordinha, começou a frequentar aulas de dança rítmica com a professora Soso Schaw. Mais tarde passou para a professora Margarida Abreu, com



No final de um concerto com o maestro Fernando Cabral no Conservatório Nacional

quem teve aulas de Ballet Clássico. E foi esse o outro amor da sua vida, até aos 15 anos. A escolha entre a música e a dança foi, por isso, antecedida de muitas dúvidas,

Teve uma infância normal, agitada pelas tropelias do irmão e rodeada de afectos, repartida entre a

seriedade que o estudo da música impunha e os prazeres da vida. Adorava brincar com um macaco que havia lá em casa, trazido de Luanda por uma aluna da sua mãe. As férias eram passadas em S. Martinho do Porto, onde o macaco Kiko fazia grande sucesso na praia.

Olga Prats começa a preparação para ingressar no Conservatório aos 10 anos, quando faz exame do solfejo. Aos 11 anos, faz a primeira prova de piano e obtém uma excelente nota. No júri estava o pai do pianista Sérgio Varella Cid, que ficou encantado com a sua prestação e lhe quis atribuir uma

O prazer de tocar em grupo

O CONJUNTO de música câmara Opus Ensemble foi fundado em 1980, por Olga Prats, ao piano, Ana Bela Chaves, na violeta, Bruno Pizzamiglio, no oboé, e Alejandro Erlich-Oliva, no contrabaixo. O colectivo tem vindo a contribuir para a difusão da cultura portuguesa no mundo, ao interpretar obras de compositores portugueses em todos os seus concertos.

O Opus Ensemble já foi galardoado com os Prémios da Crítica de 1982 e 1984, o Sete de Ouro (1983), o Troféu Nova Gente (1983, 1986 e 1987), o Grande Prémio do Disco "Rádio Renascença" (1988), o Prémio Bordalo da Casa da Imprensa (1993) e o Diploma de Mérito Nova Gente (1994). O grupo tem no seu currículo um grande número de actuações internacionais, fazendo parte, desde 1989, do Conselho



O início: Ana Bela Chaves, Bruno Pizzamiglio, Olga Prats e Alejandro Erlich-Oliva

Português da Música da Unesco.

A morte de Bruno Pizzamiglio, em 1997, só foi ultrapassada em

2005, quando o jovem oboísta Pedro Ribeiro passou a fazer parte do grupo Opus Ensemble.



Com a classe de Música de Câmara, a sua nova paixão, na Escola Superior de Música de Lisboa

nota mais alta ainda, para espanto do director do conservatório, Ivo Cruz, que lhe perguntou se a achava tão boa quanto o filho, já então famoso.

Em 1950, com 12 anos, ingressa finalmente no Conservatório, e aos 13 dá o seu primeiro recital no S. Luiz, numa organização que envolveu o jornal República, onde o pai mantinha relações de amizade. Talvez por isso, a assistência tenha sido composta por viúvas e órfãos de profissionais da imprensa e o sucesso tenha desencadeado várias entrevistas, em que a irreverência da juventude a levou a afirmar o destemor pela crítica e pelo público.

Quando acabou o curso de piano e composição do Conservatório, em 1957, conheceu em S. Martinho do Porto Artur Piell, um alemão que frequentava a Universidade de Coimbra, que lhe falou de umas bolsas que existiam na Escola Superior de Música de Colónia. Foi necessária a autorização do Instituto da Alta Cultura – o antecessor do Ministério da Cultura – para Olga Prats iniciar a sua aventura alemã. O apoio dos seus pais foi fundamental, para que aos 17 anos partisse em busca do “eldo-

rado”. Fez os exames de admissão e entrou na Escola de Música de Colónia, onde teve como professor Karl Pillney. Desses tempos iniciais, recorda as dificuldades por que passou em Colónia, onde vivia com uma bolsa muito baixa. Chegou a fazer trabalhos de babysiter para ganhar dinheiro. Estava instalada numa residência de estudantes, de onde saía às seis da manhã para apanhar o eléctrico para a escola de música. Aí conheceu uma



Com António Victorino d'Almeida, no primeiro concurso Lopes-Graça

pessoa que viria a mudar a sua vida: o grande violoncelista Gaspard Cassadó, professor de Música de Câmara, que lhe transmitiu o prazer de tocar em conjunto com outros músicos. Foi o despertar para uma nova realidade.

Em 1958 veio a Portugal, para participar em três concursos no Conservatório, ganhando-os todos. Aproveitando a onda de admiração e popularidade, fez um pedido de bolsa à Gulbenkian e teve sucesso. Regressou à Alemanha já com outra confiança e começou por participar nos Festivais de Música de Câmara do Castelo de Pommersfelden, que – mal ela sabia – era do género da Marquesa de Cadaval, o Conde de Schönborn.

Em 1959 mudou de escola e foi para Freiburg, onde estudou Música de Câmara, com professores como Carl Seemann e Sandor Végh. Casou-se dois anos depois, mas continuou sempre a estudar música, a frequentar cursos e a participar em concertos em Portugal e no estrangeiro.

Portugal, onde voltou por essa época, estava entregue à apagada e vil tristeza. Por aqui foi ficando. Foi um período difícil, que coincidiu com o nascimento do seu primeiro filho,

Paris é uma festa

PARIS é a cidade preferida de Olga Prats, porque "Paris nunca acaba, renova-se constantemente". Já viajou pela Áustria, pela Alemanha, pelo Oriente, pelos Estados Unidos, gosta muito dos arranha-céus de Nova Iorque, que contratam com a parte baixa da cidade, que é feia, mas Paris é única, inigualável.

A artista diz que é importante, para a formação das pessoas, o conhecimento de novas cidades e outras culturas. E a capacidade de gostar de música, que só se divide, a seu ver, em dois grupos: a boa e a má. Seja ópera, jazz, pop, pimba, o que for. O que lhe interessa é a qualidade, não o género.

Tem uma fixação em objectos que tenham borboletas. Na sua casa, existem borboletas por todo o lado, das roupas da cama aos posters fixados nas paredes. E adora ler, preferindo os livros históricos, o fascínio dos romances passados nas cortes, as intrigas, os amores. Gosta também do Hercule Poirot, Agatha Christie, Saramago, Eugénio de Andrade, Pablo Neruda.

Foi criada na fé católica, mas quando viveu na Alemanha tornou-se protestante. Hoje não sabe bem o que é, não se considerando agnóstica, embora se tenha afastado da ideia de Deus. Gosta de fazer paciências com cartas, aprecia o cinema italiano e alguns filmes do Wodie Allen, as fitas de Almodôvar e as lon-



Viajar é um dos seus prazeres e Paris o seu destino preferido

gas-metragens de Oliveira. Gosta da época de ouro de Hollywood, de Fred Astaire e do cinema francês, de Jean Gabin e da Jeanne Moreau.

Acredita na influência dos astros sobre as pessoas e respeita o espiritismo e o jogo, por serem duas coisas que podem levar a abismos. Adora comida alentejana – «ai as migas!» – e cozido à portuguesa. E delicia-se com a dedicação dos netos às coisas da cultura – Inês vai seguir artes plásticas, e o João já toca trompa numa filarmónica da Parede.

Olga Prats refuta a ideia de que o Conservatório seja inferior à Escola Superior de Música, tendo sempre defendido a existência de uma es-

treita colaboração entre as duas instituições, independentemente da sua graduação em secundário e superior. A sua preocupação é o futuro dos alunos e as limitações do ensino, decorrentes dos rácios professor/aluno.

Em sua opinião, a especificidade do ensino da música e a sua multiplicidade em áreas desaconselham que seja regulamentado da mesma forma que as outras áreas do conhecimento. E quando os alunos a questionam sobre o futuro, não sabe o que lhes responder, confidenciando que apenas os pode aconselhar a aproveitar todas as oportunidades que lhes surjam, quer em Portugal quer no estrangeiro.

João, e não havia trabalho para fazer. Recorreu mais uma vez à Fundação Calouste Gulbenkian, pedindo uma bolsa, e foi trabalhar com a pianista Helena Moreira de Sá e Costa. Em 1964 nasce a sua filha Paula e conhece Fernando Lopes-Graça, de quem se torna admiradora e amiga. Começou por trabalhar algumas obras do compositor, Lopes-Graça, músico, artista, intelectual, mostrou-lhe muitas coisas para além da música. Ensinou-lhe, por exemplo, a não se deixar levar pelo

entusiasmo e a fazer-se respeitar.

Em 1969 morre-lhe o pai, o que lhe causa um grande desgosto e surgem-lhe dois convites: um para ir trabalhar para o Conservatório de Moscovo, e outro para ir para Inglaterra. Recusou ambos, porque não queria deixar a mãe sozinha e os filhos ainda pequenos, e começa a reunir colegas e amigos com o intuito de organizar grupos de música de câmara.

Conhece, por essa altura, o grande violetista François Broos, que um dia lhe apareceu com uma alu-

na chamada Ana Bela Chaves pela mão. Foi o início de uma relação musical entre as duas.

Em 1970 é convidada a leccionar piano no Conservatório, ocupando a vaga deixada por Isabel Maço, que se tinha reformado, curiosamente aquela que tinha ficado com o lugar que por direito pertencia a Fernando Lopes-Graça, impedido pelo regime de leccionar. No ano seguinte divorcia-se e abraça vários projectos. Continua a trabalhar no Conservatório e a colaborar com grandes vultos da música



A música que irrompe da ponta dos dedos: “O piano é um amante exigente...”

como Lopes-Graça, Constança Capdeville e António Victorino d’Almeida, e edita o seu primeiro disco.

A revolução de Abril, foi passada a percorrer o país com o Lopes Graça a tocar as “Heróicas”. Lembra a experiência do ensino integrado, então adoptada no Conservatório, que abria as portas a toda a gente

“mesmo os que não percebiam nada de música”. Em 1975 integra o ColecViva, um grupo experimental de teatro musical, fundado pela Constança Capdeville.

É uma das fundadoras do duo de piano e violeta e o Opus Ensemble (1980), que se mantém até hoje.

Permaneceu no Conservatório

até 1983, ano em que foi convidada para fazer aquilo que realmente gostava: Música de Câmara. É então que ingressa no corpo docente da Escola Superior de Música, abandonando definitivamente o ensino do piano e passa a dedicar-se exclusivamente à Música de câmara. Hoje é coordenadora da classe daquela área de música. Continua a editar discos, a maioria dedicados à divulgação da música de Fernando Lopes-Graça.

Comemorou os seus 55 anos de carreira com um espectáculo no centro cultural Olga Cadaval, onde as décadas mais importantes da sua vida artística foram desfiadas, através de um repertório criteriosamente escolhido e da companhia dos músicos que sabem, melhor que ninguém, «o que significa pisar um palco».

A sua grande ansiedade é, agora, a contagem decrescente para a inauguração das novas instalações da Escola Superior de Música, no Campus de Benfica, para ver finalmente a Escola com o espaço que uma escola artística deve possuir. Depois disso, então sim, vai pedir a reforma.

A insatisfação permanente

OLGA PRATS compara o piano a um amante exigente, que manifesta uma insatisfação permanente. Quanto mais se toca, mais exigente ele fica, reclamando a perfeição. A ser assim, o best-seller estará ao alcance do escritor, a obra-prima do pintor ou do escultor, mas o equivalente não é acessível ao músico, que jamais se dará por satisfeito com as suas performances. Foi por isso que a artista, quando fez a escolha da sua vida, optou pela Música de Câmara. A relação interprete-instrumento levava ao isolamento, não lhe permitia a partilha de que tanto gosta.

No mundo da música, o que Olga mais detesta é a luta pelo dinheiro. Em sua opinião, o talento exige trabalho e a soma dos dois não é monetariamente mensurável. A música será assim uma forma de respirar, de estar na vida, uma força inexplicável que leva a ultrapassar desgostos, perdas e frustrações, dando sentido à vida.

Olga Pratz comemorou os 55 anos



Olga Pratz com o grande amigo e professor de canto Luís Madureira na ESML de carreira no Centro Cultural Olga Cadaval com um espectáculo intimista, como só ela sabe fazer, dominando o palco como poucos, perante uma plateia cheia de amigos. O lugar escolhido foi uma homenagem à família que sempre a apoiou: a Casa Cadaval.

«Olga é de uma generosidade in-

Conversas com Sérgio Azevedo

ALIANDO-SE às comemorações dos 55 anos de carreira de Olga Prats, a editora Bizâncio, que inclui no seu catálogo uma colecção de livros de cariz biográfico ou autobiográfico/memórias (várias deles dedicados a artistas, como Renoir, Chopin, Beethoven ou Sting), aceitou publicar em Maio de 2007 um livro de minha autoria consagrado à conhecida pianista, professora, e ainda membro do não menos conhecido grupo de câmara Opus Ensemble.

Fazem falta em Portugal, nomeadamente na área da música, mais livros dedicados aos nossos grandes artistas, sejam eles maestros, instrumentistas, cantores ou compositores. Desde diários a memórias, de biografias a volumes analíticos, pouco, efectivamente, se tem publicado em Portugal no que respeita à música, sendo as poucas excepções que confirmam a regra os dois livros recentes dedicados a António Victorino d'Almeida, um livro de António Pinho Vargas, e a série de monografias “Compositores Portugueses Contemporâneos” publicados pelo Atelier de Composição (Porto), editora do compositor Pedro Maia. Embora substanciais, estes livros – e mais um punhado de outros que seria fastidioso enumerar aqui – são ainda assim uma gota de água no oceano de músicos de grande qualidade que este país viu nascer, músicos que, decerto, teriam muito para contar das suas vidas e carreiras. Nunca tivemos, por exemplo, as eventuais memórias de Pedro de Freitas Branco, o nosso maior maestro de sempre, nem uma biografia “a sério”, de Fernando Lopes-Graça, um dos com-



positores portugueses de maior vulto, e não iríamos decerto ter estas conversas com Olga Prats se, no decurso dos meus encontros com a pianista (quer por causa de peças minhas tocadas por ela ou pelo Opus, quer pelos nossos encontros, como colegas, na ESML), eu não me tivesse lembrado de lhe propôr a ideia. Não obstante o meu entusiasmo, é preciso dizer que encontrei alguma resistência inicial. Os músicos portugueses, é preciso dizê-lo, estão ainda muito pouco habituados a este tipo de proposta. Enquanto lá fora se escrevem livros biográficos seja de quem for, importante ou não, em Portugal, uma artista da craveira de Olga Prats hesita em dizer imediatamente que sim a um simples livro de memórias...

É esse preconceito – talvez confundido com vaidade – que é ainda preciso

combater nos nossos artistas. Por outras palavras, contar as experiências de vida, ser-se alvo de uma biografia, nada tem que ver com vaidade pessoal, mas apenas com o reter na memória colectiva os ensinamentos que certas pessoas podem transmitir, pois não é depois de mortos que o poderão fazer.

Foi essa a minha preocupação, que deveria ser estendida, por outros, a outras figuras da nossa música que tanto poderão contar ainda: Maria João Pires, Álvaro Salazar, José Luís Borges Coelho, Álvaro Cassuto, Mário Vieira de Carvalho, eu sei lá! Podia enumerar uma dezena de nomes que decerto não erraria muito. Basta lembrarmo-nos do que perdemos com a quase completa ausência de registos substanciais de personalidades tão importantes e ricas como Constança Capdeville ou Jorge Peixinho, para concebermos a perda de oportunidades com que temos brindado os nossos maiores artistas (para nem falar das tão necessárias biografias “sérias” dos quatro maiores compositores lusos da primeira metade do século XX: Luís de Freitas Branco, Joly Braga Santos, Frederico de Freitas e Fernando Lopes-Graça...).

Como ironiza o prefácio de um dos livros de Lopes-Graça: “letras e artes sempre andaram desavindas em Portugal...”...

Espero que este *Piano Singular* seja o início de outros livros do mesmo género, e, tal como final do 3º andamento da *Sinfonia* de Luciano Berio, só me resta dizer:

Obrigado, senhora Olga Prats!

Sérgio Azevedo

vulgar e possui uma extraordinária capacidade de transmitir conhecimentos e de trabalhar”, diz Luís Madureira, professor de Canto da Escola Superior de Música. O docente considera-a “uma figura impar no estudo e na divulgação da música de câmara, e a principal responsável pelo destaque, que esta área da música, tem conquistado” na escola onde ambos leccionam.

Luís Madureira começou a ouvir falar de Olga em 1972, quando entrou para o Conservatório. Sete anos mais

tarde, quando preparava o exame final do curso superior de canto, e a pianista que o devia acompanhar falhou, recorreu a Olga Prats. O agora professor da ESML, considera que essa sabatina final foi essencial para que o exame corresse bem. Já aí se manifestava uma das características de Olgas Prats: a disponibilidade para ajudar os outros.

Foi igualmente nessa época que se começaram a realizar experiências de ensino transversais. Constança Capdeville, pedagoga e compositora

reputada, que tinha uma linguagem musical de vanguarda, realizou diversos projectos com alunos dos vários cursos do Conservatório. As áreas de estudo evoluíam o conhecimento de compositores e a participação em espectáculos, cuja base assentava numa linha temática, com a particularidade de incluir obras de autores diferentes. A colaboração entre a professora e Luís Madureira continuou com a apresentação de vários espectáculos de canto e piano.